

CRÔNICA**Vista de longe a cidade**

ANDRÉA OLIVEIRA

É de longe que a cidade mora mais em mim. Verdade que eu trouxe um pouco de São Luís em minha bagagem de alma e um outro tanto de seus azuis em minha porção de papéis (os mirantes de José Maria Nascimento, fotografias na Praia Grande, poemas de Chagas e Gullar, a agenda com o novembro poético de Nauro, entre outros). O que eu não imaginava é que por aqui também iria encontrá-la, ou melhor, que ela viria ao meu encontro inúmeras vezes. Por essas razões é que agora farei o caminho inverso: voltarei o olhar, meu olhar ilhéu, só que dessa vez sobre a ilha e não sobre a metrópole, mas através dela.

A primeira vez foi na avenida Paulista, na extremidade que dá para a rua da Consolação. Estava lá o letreiro luminoso da última banca de revistas: São Luís. Depois a cidade, em seus sabores, chegou aqui dentro de casa. A visita dos meus pais trouxe peixe, camarão, vinagreira, guaraná Jesus, farinha seca, polpa de bacuri, doces de fruta. Preparado aqui, o arroz-de-cuxá ganhou um sabor novo. Pareceu ainda mais maranhense, com muito mais cheiro de mar. O curioso é que eu mesma preparei, sem antes ter tido qualquer iniciação culinária a não ser encher os olhos de pecado diante do belo livro de receitas de dona Zelinda Lima. Somado ao creme de bacuri, tivemos o banquete dos deuses.

São Luís também me bateu à porta nas muitas cartas que recebi desde que cheguei. Ao levar meus pais ao aeroporto, um novo encontro. Ali estava montada uma exposição sobre a cidade Patrimônio da Humanidade. Levei o folder comigo, bordado de pequenos azulejos azuis e amarelos. Mandeí de volta cada um deles, recortados, enfeitando os envelopes das cartas que respondi.

Veio a Mostra do Redescobrimento no Parque Ibirapuera. No primeiro pavilhão que visitei, o da Pinacoteca, encontrei o bumba-meu-boi do Maranhão em local de destaque. Máscaras de cazumbá e couro do Boi de Axiá estavam pendurados no alto, para serem observados com reverência. No meio do silêncio absoluto do lugar pude ouvir o som da orquestra e por um instante vi as matracas expostas se movimentarem e índias dançarem ao som de uma toada de Coxinho.

O encontro mais forte veio dias depois, quando visitei o segundo pavilhão: impossível ver tudo num dia só. A arte barroca me trouxe de volta o Jesus Morto que conheço desde criança, exposto na Sala dos Mortos da capela do Colégio Santa Teresa, onde estudei. Numa urna de vidro, ele estava lá, com a legenda de identificação, para o caso de eu ter alguma dúvida. Era ele, sim, a quem muitas vezes pedi para ter boa nota na prova de Matemática. O lugar onde ficava, como citei, a Sala dos Mortos, cheio de lápides, era assus-

tador para crianças que, em grupo, costumavam desafiar o medo - mas por pouco tempo, até que um saísse em disparada ao pátio, seguido pelos outros. Se for contar das lembranças que a imagem do Cristo me trouxe, não escreverei uma crônica, mas um tratado. Portanto vamos adiante.

A etapa final reservou nova surpresa: o último salão, que exibia televisores ligados e uma parede para que os visitantes deixassem uma mensagem qualquer, tinha uma outra parede, muito familiar. Em toda a sua extensão, garrafas de guaraná Jesus pintavam de cor-de-rosa - um rosa pálido, é verdade - o branco do reboco, formando um terceiro tom que eu chamaria saudade.

São Luís chegou a mim pela voz de Rita Ribeiro, em show no Teatro Augusta, e por Zeca Baleiro, no Memorial da América Latina. E com Rita, em sua casa, dia de Santo Antônio e seu aniversário, lá estava a cidade decorando a sala: instrumentos, cartazes e a roupa que usava quando era dançarina do Boizinho Barrica. Dias antes a cidade começou a chegar na vinheta da festa de São João, cores na tela da tevê chamando a gente para voltar. E voltei.

Mal cheguei a São Paulo de novo, com boizinho de cerâmica e personagens transformados em imã de geladeira, soube de outro pedaço da ilha aqui. Os amigos descobriram um restaurante especializado em comida maranhense no bairro de Santana. Foram até lá e se empanturraram, com direito a cachaça azul e o guaraná nosso de cada dia. Na Teodoro Sampaio, uma espécie de rua de Santana em São Paulo, vi na esquina a placa enorme do estabelecimento: Bar e Restaurante Sampaio Corrêa. Deve ser paixão de algum torcedor. Prometo descer lá e contar depois.

Na última semana, São Luís me chegou via e-mail, numa foto enviada por amigos: a cidade vista do mar, no final da tarde, com uma luz amarelada meio de lado, o humilde presépio de Tribuzi. E nem o Horário Eleitoral escapou. Depois do almoço, para garantir a digestão com boas risadas, fiquei assistindo. Vem uma candidata a vereadora com a seguinte mensagem: "Sou do Maranhão, moro em Pirituba e conto com o seu voto". No mesmo dia ainda me veio o Tony Ramos na novela das oito dizendo que São Luís é uma das cidades mais lindas do Brasil. Precisava?

Já que por ora eu não moro mais aí, vejam vocês, venho descobrindo aqui e ali que São Luís mora um pouco aqui. Neste setembro de festa, em que a cidade fica ainda mais iluminada de azul, eu, daqui deste dia cinza e friorento, venho engrossar o coro dos parabéns. Feliz idade, minha cidade, e que seus mirantes, sobrados e ruas, e também sua gente, recebam de presente boas notícias no outubro que vem aí.